

A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA NA POLÍTICA: POLIFONIA E BLOCOS SEMÂNTICOS NAS CHARGES E TWEETS DURANTE AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2022

THE CONSTRUCTION OF LINGUISTIC ARGUMENTATION IN POLITICS: POLYPHONY AND SEMANTIC BLOCKS IN CARTOONS AND TWEETS DURING THE 2022 PRESIDENTIAL ELECTIONS

Erivaldo Pereira do Nascimento  <https://orcid.org/0000-0002-4595-1550>
Universidade Federal da Paraíba
erivaldo@ccae.ufpb.br

Allana Maria Pereira dos Santos  <https://orcid.org/0009-0003-9945-4466>
Universidade Federal da Paraíba
allana201624@gmail.com

Maria Raquel dos Santos Félix  <https://orcid.org/0000-0001-7813-9991>
Universidade Federal da Paraíba
maria.raquel2@academico.ufpb.br

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.14037548>

Recebido em 19 de junho de 2024

Aceito em 26 de julho de 2024

Resumo: Este trabalho objetiva analisar diferentes fenômenos semântico-argumentativos e enunciativos no suporte *twitter/X* e em charges acerca das eleições presidenciais de 2022. Como aporte teórico, contou-se com a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, de Ducrot e colaboradores (1987; 1988), os estudos sobre a polifonia enunciativa, a partir de Ducrot (1987;1988), além dos estudos sobre os blocos semânticos, propostos por Carel e Ducrot (2005). Em relação à metodologia, a investigação realizada foi de natureza qualitativa, de cunho descritivo e interpretativista. Os dados foram coletados na rede social *twitter/X*, bem como em redes sociais, que publicaram charges com temática política. Constatou-se, como principais resultados, que as orientações argumentativas geradas nos enunciados se deram a partir dos blocos de significação mapeados, além de ter sido possível analisar o posicionamento enunciativo dos locutores, em diferentes fenômenos polifônicos.

Palavras-chaves: Argumentação. Charge. Twitter/X. Política.

Abstract: This study aims to analyze different semantic-argumentative and enunciative phenomena in the Twitter/X support and in cartoons about the 2022 presidential elections. As a theoretical contribution, we relied on the perspective of the Theory of Argumentation in Language, by Ducrot and collaborators (1987; 1988), studies on enunciative polyphony, based on Ducrot (1987; 1988), in addition to studies on blocks semantics, proposed by Carel and Ducrot (2005). Regarding the methodology, the investigation carried out was qualitative in nature, descriptive and interpretive. The data was collected on the social network Twitter/X, as well as on social networks, which published cartoons with political themes. It was found, as main results, that the argumentative guidelines generated in the statements were based on the blocks of meaning mapped, in addition to being possible to analyze the enunciative positioning of speakers, in different polyphonic phenomena.

Keywords: Argumentation. Cartoon. Twitter/X. Politics.

1 Introdução

O presente trabalho objetiva analisar diferentes fenômenos semântico-argumentativos e enunciativos no suporte *twitter/X*, bem como em charges acerca das eleições presidenciais de 2022. Este artigo expõe os resultados de uma pesquisa de iniciação científica, financiada pelo CNPq, cujo propósito foi mapear e analisar blocos semânticos presentes em postagens sobre as eleições presidenciais através da rede social *twitter*, atualmente conhecida como “X”, como também em charges coletadas em sites e outras plataformas digitais.

Ressaltamos que este escrito se trata de um recorte investigativo que identificou operadores argumentativos e fenômenos polifônicos em 30 postagens de *tweets* e em 40 charges, mapeando também os blocos semânticos deles decorrentes. Para este artigo, em particular, o recorte descritivo-analítico dos *corpora* da pesquisa será de quatro postagens acerca das eleições presidenciais de 2022, sendo duas postagens referentes ao *Twitter/X* e duas referentes ao gênero discursivo charge.

As contribuições teóricas utilizadas neste trabalho contaram com os estudos sobre a argumentação linguística, no âmbito da Semântica Argumentativa, tomando como base princípios de diferentes teorias desenvolvidas por essa corrente de estudos semânticos: a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), elaborada por Ducrot e colaboradores (1987), a Teoria Polifônica da Enunciação, proposta por Ducrot (1988), e a Teoria dos Blocos Semânticos, tal como pensada por Carel e Ducrot (2005) e Carel (2021). Em relação à metodologia, a investigação da pesquisa foi de natureza quantitativa, de cunho descritivo e interpretativista.

Os textos que compõem o *corpus* foram coletados na rede social *twitter/X*, como também nos principais jornais brasileiros, além das redes sociais, que publicaram charges com temática política. Além disso, os *posts* reunidos foram todos relacionados às eleições presidenciais de 2022.

A pesquisa assumiu caráter interpretativista, visto que analisou o funcionamento semântico-argumentativo e enunciativo das estruturas e fenômenos discursivos presentes nos *corpora* à luz do referencial teórico adotado. Ademais, os fenômenos semântico-argumentativos e enunciativos investigados foram os seguintes: operadores argumentativos, índices de polifonia e, principalmente, os blocos semânticos que fundamentam a argumentação nos textos.

Os blocos semânticos, por sua vez, são os blocos de significação decorrentes dos encadeamentos normativos e transgressivos que as expressões linguísticas evocam, conforme pesquisas de Carel e Ducrot (2005).

2 A Semântica Argumentativa: princípios teórico-metodológicos

Os estudos da argumentação linguística, desenvolvidos no âmbito da Semântica Argumentativa, iniciaram como a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), criada por Oswald Ducrot e alguns colaboradores, principalmente Jean Claude Anscombe (parceiro de pesquisa desde o princípio da teoria), e continuam, nos dias atuais, com Marion Carel, que contribuiu especialmente com a Teoria dos Blocos Semânticos. Tais estudos formam a base para os estudos deste artigo. A Semântica Argumentativa defende que a argumentação está inscrita na própria estrutura da língua e encontra-se marcada no discurso (materialização da língua), nas escolhas linguísticas que o locutor faz. Defende a língua como centro da argumentação, pois gera infinitas possibilidades de construções de enunciados pelo falante.

Adelino e Nascimento (2021) sinalizam que a Semântica Argumentativa se contrapõe aos estudos aristotélicos da retórica, uma vez que a retórica busca a aprovação através do discurso e se vale dos fatos, valores e objetos do acordo para persuadir o ouvinte; nesse sentido, a argumentação se torna externa à língua. Ducrot (1987; 1988) repele essa concepção, pois ela não leva em consideração o verdadeiro papel da língua na argumentação. Para o autor, a argumentação não se encontra apenas nos fatos, mas também nas expressões linguísticas presentes no enunciado. Feitas essas explanações, apresentamos brevemente as fases dos estudos da Semântica Argumentativa.

Os estudos da argumentação linguística transitaram por diversas fases, as quais evoluíram de acordo com os estudos e pensamentos de Anscombe e Ducrot (1994) e colaboradores. Bastos e Nascimento (2023) pontuam que o percurso teórico está fundamentado nos pressupostos estruturalistas, pois descreve a língua não como um recurso para se obter apenas informações, mas também como um meio de construir discursos.

A primeira fase dos estudos da argumentação linguística foi o **descriptivismo radical**, que segue os pressupostos mais clássicos e retóricos da língua. É uma fase referencialista e influenciada pelos estudos lógicos. Nessa fase inicial, a relação entre argumento A e conclusão C se justifica através dos fatos presentes na argumentação. Para Anscombe e Ducrot (1994), a língua e a argumentatividade nesta fase da teoria são vistas separadamente: a argumentação ainda estava presente nos fatos e a língua fornecia os operadores que apontavam como os fatos eram usados argumentativamente.

Todavia, os autores ajustam a primeira fase e criam o **descriptivismo pressuposicional**, que vai sofrer influência da filosofia da linguagem ao considerar a existência de uma força ilocutória e de valor argumentativo na estrutura do enunciado produzido. É nesta fase que Anscombe e Ducrot (1994) passam a estudar a pressuposição (conteúdo posto e pressuposto na frase), indicando que apenas as informações presentes nos conteúdos postos são colocadas em evidência, argumentativamente. Ducrot (1987, p. 77) pontua que “[...] pressupor não é dizer o que o outro sabe ou que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse”. Ou seja, o pressuposto é entendido como um implícito marcado linguisticamente, mas que não orienta o discurso argumentativamente, uma vez que a orientação discursiva se dá sempre no nível do posto (explícito).

Na terceira fase, ou seja, **a argumentação como constituinte da significação**, Anscombe e Ducrot (1994) reformulam novamente alguns pontos das fases anteriores e propõem que a argumentação é intrínseca à língua e não nos fatos assinalados no conteúdo do enunciado, reconhecendo, então, os valores argumentativos da língua. Assim, a presença de um determinado enunciado¹ (materialização de uma frase da língua) orienta o discurso em razão de determinadas conclusões (e impede outras). Nessa fase, os operadores argumentativos receberão a função de introduzir a argumentatividade na estrutura semântica das frases, que é transferida para os enunciados e, conseqüentemente, para o discurso. É nesta fase que se constituem a Teoria da Argumentação na Língua e a Teoria Polifônica da Enunciação.

Na **argumentatividade radical**, última etapa da forma *standard* dos estudos da argumentação linguística, os autores introduzem o conceito de *topos* (ou princípios gerais), que são as crenças compartilhadas em um determinado discurso, e afirmam ainda que o conceito de significação de uma frase passa a ser um conjunto de *topoi*²,

¹ Na TAL (Ducrot, 1987; 1988), a frase é uma entidade teórica (construída pelo linguista), que explica os enunciados da língua. Os enunciados são, portanto, empíricos e irrepetíveis. A língua é definida como um conjunto de frases e o discurso como um conjunto de enunciados.

² Topoi é o plural de Topos.

cuja aplicação é autorizada pela frase no momento da enunciação, ademais, decidir por enunciar uma frase ao invés de outra é selecionar certos conjuntos de *topoi* a frente de outros que se materializam ou são ativados no próprio enunciado (Bastos; Nascimento, 2023). Nesta quarta fase, é desenvolvida a Teoria dos Topoi.

A última fase dos estudos da argumentação linguística é a que corresponde aos estudos dos blocos semânticos, iniciada por Ducrot e Carel (2005). Nessa fase, que se encontra em processo, duas teorias estão sendo desenvolvidas: Teoria dos Blocos Semânticos e a Teoria Argumentativa da Polifonia, das quais trataremos mais adiante.

É de suma relevância mencionar brevemente os **operadores argumentativos** (fenômeno bastante presente no *corpora* da pesquisa), termo este que foi cunhado por Ducrot (1988). Os operadores têm como objetivo indicar a força argumentativa dos enunciados e orientá-los em um discurso em razão de determinadas conclusões em meio a uma conversação. Além disso, Ducrot (1988), para explicar o funcionamento de determinados operadores argumentativos, utiliza as noções básicas de: escala argumentativa, ou seja, “[...] quando um ou dois enunciados se apresentam em gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão” (Koch, 2010, p. 30) e classe argumentativa, isto é, a constituição de um conjunto de enunciados com igual força que podem servir de argumento para apontar uma mesma conclusão. Além de indicar a presença de argumentos mais fortes em uma determinada escala argumentativa ou sinalizar uma classe de argumentos, os operadores argumentativos podem assinalar outros efeitos de sentido, tais como explicação ou justificativa, conclusão, contraposição, entre outros. Em suma, Koch (1999) afirma ainda que os operadores funcionam como elementos de coesão do texto, possibilitando a progressão textual.

3 Polifonia enunciativa e argumentativa

O termo polifonia, nos estudos sobre a linguagem humana, foi utilizado inicialmente por Bakhtin (2002, [1997]), para a análise da obra de Dostoiévski. Atualmente, é um conceito muito importante para os estudos enunciativos e argumentativos, ao pertencer hoje ao acervo conceitual de vários ramos da ciência da linguagem, como afirma Roman (1992-1993). Convém ressaltar que polifonia primordialmente era um termo dado a um estilo de música desenvolvido na Idade Média, e definida da seguinte forma:

A polifonia era uma linguagem dinâmica e mutável, flutuante e ativa, apropriada, portanto, para expressar a percepção carnavalesca do mundo, que possuía o homem medieval, oposta a qualquer ideia de acabamento e perfeição, que caracterizava o canto gregoriano (Roman, 1992-1993, p. 209).

Ao considerar que, para os estudos da linguística contemporânea, a linguagem é permeada pela dialogicidade e pelas diferentes vozes presentes no discurso, Ducrot (1987, p.161), no *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação*, questiona a tese da “unicidade do sujeito falante”; um pressuposto que subjaz a chamada linguística moderna, segundo ele. Dessa forma, Ducrot (1987) distingue o sujeito falante (ser empírico), o locutor (ser do discurso) e o enunciador (pontos de vista presentes no discurso). Para ele, os enunciadores, assinalados pelo enunciado, além dos locutores, expressam-se numa pluralidade de vozes, tendo em vista que ocupam papéis ilocucionais. A presença das diversas vozes na enunciação está prevista na estrutura da língua e se dá através das marcas linguísticas.

Com o objetivo de exemplificar sua Teoria Polifônica da Enunciação, Ducrot (1987) utiliza documentos escolares que exigem autorização dos responsáveis pelo aluno para a realização de alguma atividade. Esse tipo de correspondência possui, geralmente, um enunciado para preenchimento com a assinatura dos pais, mas não designa o autor do texto, aquele que produziu o documento, que pode ter sido a secretária, diretora escolar ou algum outro funcionário responsável por essa elaboração, como aponta Nascimento (2015):

O exemplo das autorizações escolares coloca em evidência que o autor empírico do enunciado nem sempre é quem se responsabiliza por ele. É para resolver esse problema, entre outros, que Ducrot propõe a sua Teoria Polifônica da Enunciação. O autor começa por definir três funções diferentes, para o sujeito da enunciação: sujeito empírico (SE), locutor (L), e enunciador (E). (Nascimento, 2015, p. 344).

Desse modo, para Ducrot (1988, p. 16), o sujeito empírico (SE) “es el autor efectivo, el productor del enunciado”, assim não é de responsabilidade linguística determinar esse sujeito, tendo em vista que o semanticista deve se preocupar com o sentido do enunciado e não com as condições externas a ele. Já o locutor (L) é aquele que se apresenta como responsável pelo discurso, ou seja, aquele a que as marcas linguísticas de primeira pessoa se referem. O autor ainda diferencia o locutor enquanto tal (L) e o locutor enquanto ser do mundo (λ): enquanto L é o responsável pela enunciação, λ é uma pessoa “completa” que possui outras propriedades, como a de ser origem do enunciado (Ducrot, 1987). Por último, os enunciadores (E) são pontos de vista que o locutor apresenta em seu discurso.

Após a diferenciação dos diferentes seres do discurso, Ducrot (1987; 1988) propõe a existência de dois tipos de polifonia presentes nos enunciados e no discurso, consequentemente: a polifonia de locutores e a polifonia de enunciadores.

Esta primeira ocorre quando em um enunciado há a presença de, pelo menos, dois locutores diferentes, eventualmente subordinados, como aponta o autor. Para ele, ainda, a polifonia de locutores só ocorre no discurso relatado em estilo direto. Nascimento (2015), no entanto, discorda desse ponto de vista, afirmando que esse tipo de polifonia também pode ocorrer no discurso relatado em estilo indireto, tendo em vista que “[...] no próprio sentido do enunciado, o locutor responsável pelo discurso (L1) atribui ao discurso relatado a um outro ser do discurso, explicitamente identificado no próprio enunciado” (Nascimento, 2015, p. 346).

Já o segundo tipo de polifonia, a de enunciadores, ocorre quando são identificados pontos de vista diferentes em um único enunciado, isto é, enunciadores que são colocados em evidência pelo locutor e que este pode assumir diferentes posições: de aprovação, de assimilação, de rechaço.

Além das polifonias de locutores e enunciadores, os estudiosos da Semântica Argumentativa e Enunciativa descrevem outros fenômenos polifônicos nos últimos anos, de acordo com Nascimento (2022). Entre esses fenômenos, está o SE-locutor. Nos estudos postulados por Anscombe (2005; 2010), o SE-locutor constitui-se em uma voz coletiva e anônima colocada em cena no próprio enunciado pelo locutor responsável pelo discurso. Essa voz é introduzida por marcadores de citações genéricas (segundo, diz-se, etc.), podendo ser associada, a depender do contexto, à voz da doxa por exemplo, nos provérbios, ou a uma voz coletiva.

Por fim, Koch (2004) pontua, também, que um dos fenômenos da polifonia é a intertextualidade, que passa a ser uma polifonia enunciativa, a qual demanda a presença de um intertexto no enunciado. Esse fenômeno pode ser explícito ou implícito: o

primeiro caso ocorre quando no próprio texto há a fonte do intertexto; o segundo se dá quando a fonte não é apresentada.

Já a Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP) defende a tese de que qualquer enunciação de conteúdo é caracterizada por pelo menos dois parâmetros: a função textual atribuída ao conteúdo e o modo enunciado sob o qual ele pertence (Carel, 2021). Cabe ressaltar, então, as funções textuais e os modos enunciativos.

A TAP distingue três funções textuais: pôr em primeiro plano, pôr em segundo plano e exclusão. Enquanto situarem-se em primeiro e em segundo planos estas funções apresentam *status* positivos - já que o locutor aceita os conteúdos postos nesses planos; ser excluído é um *status* negativo, pois o locutor não aceita os conteúdos excluídos³. Carel (2021) conceitua e diferencia o primeiro e o segundo plano da seguinte forma:

Como uma pintura que superpõe diferentes planos, um discurso superpõe um primeiro plano e um plano posterior. Os conteúdos são igualmente aceitos pelos locutores. A diferença entre os dois planos discursivos é relativa ao papel do conteúdo na sequência do discurso. Um conteúdo “posto em primeiro plano” é um conteúdo com o qual a sequência discursiva vai se articular; um conteúdo posto em segundo plano (ou simplesmente “de trás”) é, ao contrário, um conteúdo com o qual a sequência discursiva não se articula. O segundo plano se restringe a enriquecer o primeiro plano. (Carel, 2021, p. 357).

Além desses dois planos, o discurso permite a exclusão de um conteúdo. A autora supracitada distingue bem o pôr em segundo plano da exclusão. Esse primeiro é possível tanto na pintura quanto na fala. Trata-se de uma atitude positiva sobre o conteúdo introduzido no âmbito da imagem ou da fala, e que é aceito pelo pintor, ou pelo locutor. Já nesse segundo, a exclusão é própria da linguagem verbal, e, diferente da pintura, apresenta meios para expressar a rejeição de um conteúdo. Assim, a exclusão é uma atitude negativa, a qual o locutor rejeita no discurso.

Por último, sobre as funções textuais ainda é importante frisar a relação entre essas três:

Todas as ocorrências em que se põe em segundo plano e em que se exclui são acompanhadas de um pôr em primeiro plano. Um enunciado não pode conter em si, em sua plenitude, um conteúdo posto em segundo plano; da mesma maneira, um enunciado não pode conter em si, em sua plenitude, um conteúdo excluído. Os conteúdos postos em segundo plano ou excluídos são acompanhados sempre de conteúdo posto em primeiro plano. Eles enriquecem os conteúdos postos em primeiro plano, complementa-os: não possuem existência independente. Por outro lado, é possível pôr um conteúdo em primeiro plano, em sua plenitude (Carel, 2021, p. 361).

Vistas as funções textuais, agora destacam-se os modos enunciativos, que a TAP distingue em três: o modo do concebido, o modo do revelado e o modo do atribuído.

Quando o locutor se revela envolvido na enunciação do conteúdo e se descreve como projetando um conteúdo que o introduz, tem-se o modo do concebido. Essa definição do modo do concebido reformula aquela da “enunciação discursiva”, a qual Benveniste definia como um caso em que o locutor toma a palavra para agir sobre seu interlocutor (Carel, 2021).

³ Vale ressaltar que a Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP) não adota a noção de enunciadores, de Ducrot. Os enunciadores passam a ser tratados como o próprio conteúdo do enunciado (Carel, 2021).

Já no modo do revelado, o locutor pode declarar não intervir na expressão do conteúdo, o que difere do locutor envolvido. Ele simula encontrar o conteúdo, como se tratasse de um fato que se impõe por si próprio. Carel (2021) reconhece no modo do revelado uma reformulação do que Benveniste denominou de enunciação histórica. Nota-se, entretanto que, segundo a TAP, o locutor está sempre presente.

Por fim, no terceiro caso, o modo do atribuído não estava previsto por Benveniste, ele foi concebido por Ducrot. Nesse modo enunciativo, o locutor se desengaja, mas o faz a favor de uma subjetividade diferente da sua. Ele fala por meio de um outro.

4 A Teoria dos Blocos Semânticos

Fundada em 1992, por Marion Carel, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) é avaliada por Ducrot como uma radicalização de suas próprias concepções semânticas, tendo em vista que ela aprofunda as hipóteses da Teoria da Argumentação na Língua. Ducrot (2005) explica que a TBS leva às últimas consequências o princípio saussuriano segundo o qual o significado de uma expressão reside nas relações dessa expressão com outras expressões da língua, sendo que as relações semânticas dessa teoria são argumentativas.

De início, é importante considerar que a TBS desconsidera tanto as hipóteses referencialistas quanto cognitivistas da linguagem ao defender que o sentido de uma entidade linguística não se dá por meio de coisas, crenças psicológicas, fatos, propriedades, etc. O sentido de um enunciado, para essa teoria, é descrito e parafraseado por encadeamentos argumentativos que a entidade linguística ativa. Esses encadeamentos “[...] ligam duas proposições gramaticais por meio de um conector do tipo de portanto (ditos normativos) ou do tipo de no entanto (ditos transgressivos)” (Gomes; Lebler, 2021, p. 90).

A partir da noção que encadeamento é uma ferramenta por meio da qual o sentido do enunciado é representado, é necessário apresentar um outro conceito fundamental para a TBS, que é o de aspecto argumentativo:

a significação das palavras, e não mais o sentido dos enunciados, que é descrita. Para tanto, partir-se-á de sua fórmula geral X CONECTOR Y e X CONECTOR’ Y, em que X e Y representam o que se observa, regularmente, em diversos encadeamentos: CONECTOR representa um conector de tipo normativo e CONECTOR’ representa um conector de tipo transgressivo. Segundo essa estrutura, o aspecto é definido como um esqueleto, isto é, uma abstração concretizada por meio das próprias palavras (Gomes; Lebler, 2021, p. 91).

Carel (2011) introduz também a noção de conteúdo argumentativo que é um encadeamento argumentativo associado a um aspecto que ele concretiza. Desse modo, os enunciados são descritos por conteúdos argumentativos e não mais por encadeamentos argumentativos simples.

Por fim, cabe pontuar o que é argumentação interna e argumentação externa, tendo em vista que a versão *standard* da Teoria dos Blocos Semânticos defende que os aspectos podem estar relacionados de uma maneira interna e externa às palavras que eles significam e que, ainda, os encadeamentos ou argumentações podem conectar-se destas mesmas formas aos enunciados parafraseados.

Sobre a argumentação externa, Carel (2011) diz que um aspecto argumentativo A pertence à maneira externa de uma expressão E, quando se cumprem as seguintes

regras: (1) quando a expressão E exprime o aspecto A e (2) quando a expressão E intervém, material e semanticamente, em determinados encadeamentos que concretizam o aspecto A, quer nos primeiros, quer nos segundos segmentos. Por sua vez, a argumentação interna é distinguida da seguinte forma:

A argumentação interna (AI) de uma entidade linguística E – seja um verbo, um substantivo, um adjetivo – é constituída por um aspecto ao qual pertencem os encadeamentos que parafraseiam o emprego da entidade E. Sendo os aspectos argumentativos o meio pelo qual as significações dos termos são definidas, dir-se-á que um aspecto argumentativo A pertence à argumentação interna de uma expressão E se forem atendidas as duas condições: (1) E exprime o aspecto argumentativo A; (2) E não intervém em nenhum dos segmentos de nenhum dos encadeamentos evocados derivados de A. Os encadeamentos argumentativos evocados serão ditos derivados da AI de E (Gomes; Lebler, 2021, p. 97)

Como foi evidenciado, a TBS apresenta ferramentas aplicáveis a discursos ao possibilitá-los serem descritos e explicados semanticamente por meio das expressões e marcas linguísticas que se dão pela construção da argumentação por aspectos argumentativos e pela relação de sentidos estabelecida entre eles.

5 Análise dos *corpora*: resultados e discussão

Como mencionamos anteriormente, a investigação conduzida adotou uma abordagem qualitativa e descritiva. Analisamos 30 textos de *Tweets* e 40 charges coletadas para identificar os blocos semânticos acionados por vários fenômenos polifônicos e operadores argumentativos. Inicialmente, foram feitos o mapeamento e a catalogação de todos os blocos semânticos presentes em todos os textos, a partir da identificação dos fenômenos polifônicos enunciativos e dos operadores argumentativos nele presentes.

Em seguida, realizamos a análise descritivo-interpretativista do funcionamento desses fenômenos em 10 textos do gênero *tweet* e em mais 10 do gênero *charge*. A seguir, apresentamos a análise descritivo-interpretativista de quatro desses textos para demonstrar o desenvolvimento desse processo de investigação.

5.1 Análise dos *tweets*

Figura 1 – tweet 01: debate no SBT



Fonte: twitter/X.

Tag: Debate no SBT. Publicado em: 22 de outubro de 2022

O *tweet* 01 faz menção à ausência de Luiz Inácio Lula da Silva no debate presidencial ocorrido no dia 21 de outubro de 2022 na emissora aberta de TV SBT. Durante as eleições, os debates presidenciais eram uma oportunidade para os candidatos apresentarem suas propostas, com o intuito de atrair novos eleitores. Nesse sentido, convém mencionar que uma matéria da Rádio Jornal⁴ publicou que a ausência de Lula no debate do SBT foi devido ao fato de que ele estava presente em um comício no mesmo horário da reunião com os candidatos à presidência, e por incompatibilidade de agenda, optou por faltar ao debate e participar do comício.

O texto publicado por *Ciro Gomes* (PDT), que também era candidato à Presidência da República, faz uma crítica direta à ausência do seu oponente, o candidato *Luiz Inácio Lula da Silva*. Feita esta breve contextualização, no texto, identificamos os seguintes operadores argumentativos, orientando argumentativamente os enunciados:

1. **Porque** - usado para introduzir as justificativas do porquê Lula não compareceu ao debate, quais sejam: não ter como explicar a falta de propostas concretas, promessas não cumpridas e denúncias de corrupção.
2. **E** – operador que indica classe de argumentos: utilizado para somar as justificativas.
3. **Não só... mas também** - operador que indica classe de argumentos: utilizado para somar os argumentos de que a atitude de Lula foi um desrespeito aos oponentes e também um desrespeito aos brasileiros.

Nesse sentido, no texto acima, o locutor responsável pelo discurso (L1), o presenciável *Ciro Gomes*, apresenta dois pontos de vista ou conteúdos (enunciadores, na perspectiva da TAL), quais sejam:

1. O presidente Lula faltou ao debate por não ter como explicar a falta de propostas concretas, promessas não cumpridas e denúncias de corrupção.
2. O presidente Lula desrespeitou seus oponentes e o povo brasileiro.

A atitude discursiva assumida por L1 com relação a esses pontos de vistas ou conteúdos é a seguinte: ele põe em cena o ponto de vista 1 e concorda com o ponto de vista 2. Na sua base, identificamos o seguinte bloco semântico:

⁴ Disponível em: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/eleicoes/2022/09/15086515-onde-esta-lula-por-que-lula-faltou-o-debate-no-sbt-entenda.html>. Acesso em: 19 jun. 2023

ausência (no debate) *DONC* falta de respeito
neg- ausência (no debate) *DONC* neg- falta de respeito
ausência (no debate) *POURTANT* neg- falta de respeito
neg- ausência (no debate) *POURTANT* falta de respeito

O bloco materializado no *tweet* foi o primeiro: ausência no debate *DONC* falta de respeito, do tipo normativo, que se constitui em uma argumentação externa, uma vez que no sentido da palavra ausência não está necessariamente presente a noção de falta de respeito (desrespeito).

Figura 2 – tweet 02: ficha limpa



Fonte: *twitter/X*.

Tag: Debate no SBT. Publicado em: 22 de outubro de 2022

O locutor responsável pelo Twitter L1 – Linda, apresenta em seu texto a transcrição do discurso do candidato Padre Kelmon (L2) no debate do SBT, entre aspas, constituindo-se assim uma polifonia de locutores através de um discurso relatado em estilo direto.

O candidato padre Kelmon recupera, em seu discurso, o episódio em que o Tribunal Superior Eleitoral⁵ negou o registro de Roberto Jefferson (PTB) para a candidatura ao cargo de presidente do Brasil, devido aos efeitos secundários da condenação criminal imposta pelo próprio Supremo Tribunal Federal (STF) ao ex-deputado federal, em 2013 (TSE, 2022).

O *tweet* acima cita basicamente a lei da ficha limpa e questiona por que Roberto Jefferson ficou inelegível e Lula não, pois Lula fora condenado pela Operação Lava Jato e, dessa forma, na visão de padre Kelmon e de L1 - responsável pelo *tweet* - o atual presidente não seria ficha limpa. Ou seja, do ponto de vista de L1, que usou o enunciado proferido pelo candidato padre Kelmon (L2), Lula não deveria estar concorrendo, tendo em vista que a lei teria que valer para todos e não para um grupo seletivo de pessoas ou uma pessoa em específico (Roberto Jefferson). Mediante o que foi dito no enunciado foi possível identificar os seguintes pontos de vista ou conteúdos (enunciadores, para a TAL):

⁵ Disponível em:

<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Setembro/negado-registro-de-roberto-jefferson-ptb-ao-cargo-de-presidente#:~:text=O%20Plen%C3%A1rio%20constatou%20que%20Roberto,%20deputado%20federal%2C%20em%202013.> Acesso em: 19 jul. 2023

- 1 – Lula é ficha limpa.
- 2 – Lula não pode ser candidato (porque também não é ficha limpa).
- 3 – A lei não é aplicada para todos.

Dessa forma, L1 - responsável pelo *tweet* - e L2 - Padre Kelmon - assumem a seguinte atitude discursiva: ele exclui o ponto de vista 1, pois Lula não deveria ser ficha limpa, concorda com o 2 e põe em cena 3, dado o fato de que a lei não teria sido aplicada a Lula.

No texto, foram identificados os seguintes operadores argumentativos:

1. **Por causa de** - utilizado para introduzir uma justificativa ou razão: “Roberto Jefferson foi impedido de concorrer à presidência por causa da lei da ficha limpa”.
2. **Então** - Indica uma consequência lógica ou conclusão: “Então essa lei deveria valer para todos!”
3. **Por que** - usado para introduzir um questionamento a respeito do motivo pelo qual Lula está concorrendo.

Esses operadores argumentativos são empregados para reforçar a argumentação do locutor (L1) em relação à aplicação da lei da ficha limpa. Sendo assim, os blocos mapeados foram:

ficha limpa *DONC* candidato à presidência
neg- ficha limpa *DONC* neg- candidato à presidência
ficha limpa *POURTANT* neg- candidato à presidência
neg- ficha limpa *POURTANT* candidato à presidência

O dito transgressivo que prevalece é: “não ficha limpa *POURTANT* candidato à presidência”, que possui argumentação interna, uma vez que no sentido de não ser ficha limpa está previsto o sentido de que não é possível ser candidato, na legislação brasileira.

5.2 Análise das charges

Figura 3 – charge 01: crise econômica



Fonte: @jotacamel0. Acesso em: setembro de 2022.

A charge 01 problematiza a crise econômica brasileira e o aumento do número de pessoas que estavam vivendo, em setembro de 2022, em situação de extrema pobreza. Essa situação contribuiu para que as filas de açougue aumentassem, mas não para comprar carne e, sim, os ossos, já que o custo por esse alimento estava alto⁶. Desse modo, o locutor-chargista (L1) denuncia essa realidade por meio da charge que apresenta o locutor-personagem (L2), Jair Messias Bolsonaro (PL), então presidente e candidato à reeleição, ensinando a população brasileira a preparar os ossos.

Na apresentação da charge, o locutor-chargista traz o seguinte enunciado: “comendo o pão que o capetão amassou”, o que retoma um ditado popular “comendo o pão que o diabo amassou”. O pão, nesse contexto, trata-se da crise e do aumento da pobreza e o “capetão” refere-se ao presidente da época, Jair Bolsonaro. Dessa forma, nesse enunciado tem-se um caso de intertextualidade por subversão⁷ (Koch, 2004), o que é comum em gêneros discursivos que apresentam a ironia como uma das suas principais características, que é o caso da charge. Assim, ao subverter o discurso original, o chargista cria determinados efeitos de sentido que alteram a orientação semântico-argumentativa do texto fonte, o qual deixa de indicar uma situação difícil que alguém está passando e passa a expressar um efeito de culpabilização do governo pela situação de fome da população brasileira. A intertextualidade por subversão contribuiu, desse modo, para ironizar e criticar a inflação dos alimentos na época e, conseqüentemente, evidenciar o posicionamento do locutor-chargista.

Como uma forma de materialização do gênero receita para cozinhar os ossos, é solicitado no primeiro turno de fala que acenda o fogo, mas não da forma convencional e, sim, com “lascas de madeira, jornal e álcool”, o que denuncia o aumento do gás de cozinha. Já no segundo turno é problematizado o aumento do óleo de cozinha, tendo em vista que é solicitado que coloque os restos que foram encontrados no chão como forma de substituir o óleo e temperos. No terceiro e no quarto turnos da receita, ao relatar que o próximo passo é colocar os ossos na panela e depois servi-los, são problematizadas a falta de alimento na mesa dos brasileiros e as filas por ossos no açougue. Por fim, os dois últimos turnos evidenciam, respectivamente, o aumento de pessoas desempregadas e a responsabilidade de cada um dos eleitores de Bolsonaro caso venham a reelegê-lo por mais 4 anos.

Dadas a descrição das falas do personagem e a sua caracterização, tem-se, portanto, a polifonia de locutores que pode ser descrita desta forma:

L1 - locutor-chargista - responsável pelo discurso como um todo.

L2 - locutor-personagem (Bolsonaro) - responsável pelos enunciados: 06 turnos de fala - “Em cima do fogão... nos próximos 4 anos”.

Tendo em vista a descrição polifônica e a caracterização dos personagens, segue a catalogação do bloco semântico ativo pela palavra capetão, que se refere ao presidente Bolsonaro, e pela palavra fome:

⁶ Link da matéria: <https://www.brasildefatopr.com.br/2021/12/17/o-ano-da-fila-do-osso-economia-naufraga-e-fome-volta-a-assolar-brasileiros>

⁷ Esse enunciado pode ainda ser considerado um SE-Locutor, nos termos em que apresenta Anscombe (2010), já que é um caso de *vox populis*, um ditado popular: uma voz coletiva e anônima evocada pelo locutor responsável pelo discurso.

Bolsonaro presidente DC fome
 neg- Bolsonaro presidente DC neg- fome
 Bolsonaro presidente PT neg- fome
 neg- Bolsonaro presidente PT fome

O discurso de L2 põe o conteúdo do bloco “Bolsonaro presidente PT neg- fome”, aspecto transgressivo, visto que para Bolsonaro, mesmo ele estando na presidência, não tinha o que se fazer para solucionar a crise econômica pós-pandemia. Já o locutor-chargista L1 põe em evidência o conteúdo do bloco “Bolsonaro presidente DC fome”, aspecto normativo, porque ele denuncia através da caracterização do personagem a situação de fome pela qual o Brasil estava passando, com o argumento de que, enquanto o Bolsonaro estivesse na presidência, o país continuaria na miséria. Desse modo, L1 ironiza e exclui o bloco ativado por L2. A argumentação é externa, pois na palavra Bolsonaro não está a noção interna de fome.

Figura 04 – charge 02: comunista



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2022/10/charge-que-retrata-briga-pelo-voto-cristao-e-a-favorita-dos-leitores-em-setembro.shtml>. Acesso em: setembro de 2022.

A charge 02 faz menção ao bolsonarismo, termo utilizado para referir-se ao fenômeno político da extrema-direita que expandiu com a popularidade de Jair Messias Bolsonaro, desde 2018, através da campanha que o elegeu presidente. O chargista menciona esse termo acompanhado de reticências, para evidenciar a cena que ele apresenta, de modo que o leitor possa interpretar a ignorância causada por esse fenômeno.

O locutor-chargista ilustra uma multidão de pessoas, com bandeiras do Brasil na mão e celulares, os quais estão direcionados a um segurança que está nitidamente assustado devido à situação e ao termo que ele está sendo chamado: “comunista”. A bandeira do país foi utilizada como símbolo desse movimento com a finalidade de demonstrar o patriotismo, sendo, portanto, uma estratégia do governo Bolsonaro de popularizar sua candidatura.

Em paralelo a essa multidão, há duas crianças apavoradas com mochilas nas costas que se viram para essa cena. Uma delas pergunta à outra: “por que estão gritando?”. A outra responde, prontamente: “ele está de vermelho...”. A ilustração está em preto e branco, somente o segurança está de vermelho, exatamente para representar a cor do comunismo que, nesse caso, foi inadequadamente relacionada ao fardamento do segurança. Além disso, essa multidão faz menção aos atos a favor de Bolsonaro no dia 07 de setembro de 2022, o que configura o segurança/policial como um agente responsável, nesse caso, para barrar atos terroristas e manter a ordem durante a manifestação pública. Assim, ao considerar esses dois fatores, tanto a cor quanto o

objetivo de tal personagem, ele é tido como comunista pelos manifestantes. As crianças, por sua vez, são tidas como as únicas conscientes na cena, já que conseguem observar o que ocorre sem se envolver no ato, ou seja, em uma perspectiva mais ampliada sem fazer parte do movimento chamado bolsonarismo.

Ao considerar o contexto de publicação da charge, o Locutor-chargista (L1) expõe as duas personagens crianças, locutor-personagem (primeira criança) (L2) e locutor-personagem (segunda criança) (L3), as quais representam seu posicionamento, e os locutores-personagens bolsonaristas para tecer a crítica ao bolsonarismo (L4). Portanto, tem-se a polifonia de locutores que pode ser descrita desta forma:

L1 - locutor-chargista - responsável pelo discurso como um todo.

L2 - locutor-personagem (primeira criança) - responsável pelo enunciado: “Por que estão gritando?”

L3 - locutor-personagem (segunda criança) - responsável pelo enunciado: “Ele está de vermelho...”

L4 - locutores-personagens (bolsonaristas) - responsável pelo enunciado: “comunista”.

Tendo em vista a descrição polifônica e a caracterização dos personagens, segue a catalogação do bloco semântico ativo:

Vermelho DC comunista (normativo)

neg- vermelho DC neg- comunista (normativo)

vermelho PT neg- comunista (transgressivo)

neg- vermelho PT comunista (transgressivo)

O discurso de L2 e L3 ativa o bloco “vermelho PT não comunista”, aspecto transgressivo, visto que esses locutores estão ironizando a maneira equivocada dos manifestantes associarem o segurança ao comunismo. Já os locutores-personagens bolsonaristas atualizam o bloco “vermelho DC comunista”, aspecto normativo, já que para eles se está de vermelho, logo é comunista.

A argumentação é interna, pois o vermelho é a representação da cor do comunismo, mesmo que nesse caso da charge não seja necessariamente. O locutor-chargista (L1) põe em evidência o mesmo bloco de L2 e L3, ao mesmo instante que exclui o conteúdo do L4, ao problematizar a concepção do bolsonarismo em associar o vermelho sempre ao comunismo e ao ironizar a manifestação a favor do Bolsonaro.

Cabe ressaltar, por fim, que há um efeito de sentido irônico na charge analisada. A respeito da ironia, Ducrot (1987;1988) explica que esse fenômeno ocorre quando um locutor L põe em cena, no enunciado, a posição de um enunciador (ponto de vista) absurdo com o qual ele não se identifica ou não o assimila. Esse posicionamento do locutor (evocar um ponto de vista absurdo e o rechaçar) explica o paradoxo da ironia, segundo esse autor. Na charge, tal ironia é evidenciada pela cor vermelha, já que a vestimenta da sentinela em questão alude ao figurino dos guardas da monarquia britânica. Convém ressaltar que tais guardas reais representam o sistema capitalista hegemônico imperante no Reino Unido. Neste caso, portanto, a cor vermelha indica a contradição do discurso do locutor, já que essa cor (e a figura do guarda) não tem nada de “comunista”, na charge, já que é um símbolo do capitalismo. Tal símbolo está sendo tratado, de forma absurda, como comunista pelos personagens bolsonaristas, pelo fato de estar de vermelho.

Assim, o ponto de vista absurdo segundo o qual tudo aquilo que é vermelho é sinal de comunismo é associado aos bolsonaristas e é rechaçado pelo locutor-chargista,

nos termos em que coloca Ducrot (1987, 1988). Na perspectiva de Carel (2011), poderíamos dizer que se trata de um conteúdo excluído pelo locutor, com o qual ele não concorda.

6 Considerações finais

A partir da análise dos dados, foi possível constatar que a argumentação se processa por meio de diferentes fenômenos e estratégias semântico-argumentativas, imprimindo marcas de (inter) subjetividades e associadas a diferentes blocos de significação. Em outras palavras, a partir da identificação dos blocos semânticos foi possível observar os sentidos veiculados e as orientações discursivas, além do posicionamento enunciativo dos locutores responsáveis pelo discurso.

A partir dos objetivos traçados para esta investigação, foi possível identificar, descrever e analisar, com base nas perspectivas de estudiosos da área, os fenômenos linguísticos supracitados no gênero charge e no suporte *twitter/X* e, também, através da mapeação dos diferentes efeitos de sentidos que os blocos catalogados geraram no enunciado.

No que diz respeito às 40 charges sobre as eleições presidenciais brasileiras de 2022, identificaram-se os fenômenos polifônicos que ativaram os blocos semânticos tanto dos tipos normativos quanto dos tipos transgressivos. Vale ressaltar que os elementos imagéticos foram considerados para uma análise mais detalhada desse gênero multimodal que constrói sua significação pela linguagem verbal e não-verbal. Notou-se, dessa forma, que o locutor-chargista se valeu de um aspecto muito recorrente em charges quando analisado o fenômeno polifônico: locutores-personagens.

A partir da identificação dos blocos, as principais temáticas constatadas foram a respeito da corrupção, educação, pesquisas eleitorais, pedofilia, machismo, religião, saúde e manifestações públicas. Esses foram os temas mais repercutidos nas mídias e redes sociais durante o período eleitoral, portanto, já era esperado que eles fossem presentes nas charges.

Os fenômenos da polifonia enunciativa encontrados nas charges catalogadas foram o de locutores, SE-locutor e intertextualidade, predominando este primeiro. Esses fenômenos foram usados com o propósito de evidenciar o posicionamento de ironia e rechaço, de assimilação ou não, dos locutores.

Por último, no que se refere aos textos do *twitter/X*, a investigação revelou a presença constante de operadores argumentativos, fenômenos polifônicos e blocos semânticos nos textos analisados, ressaltando as estratégias argumentativas empregadas pelos usuários do *Twitter* para expressar suas opiniões e posicionamentos. Através dessa abordagem, foi possível mapear os diversos efeitos de sentido gerados pelos blocos semânticos e operadores argumentativos catalogados nos enunciados dos *tweets*, tais quais: pôr em cena, concordar (assimilar, para Ducrot), excluir (rechaçar, para Ducrot), ironizar, dentre outros.

Além disso, em relação aos fenômenos polifônicos, foi possível identificar e analisar duas formas distintas de polifonia: evocação de diferentes conteúdos (polifonia de enunciadore, para Ducrot) e a polifonia de locutores. A primeira se fez presente em todos os dez tweets analisados de forma descritivo-analítica, enquanto a segunda emergiu em apenas três posts. Esses fenômenos polifônicos desempenharam um papel fundamental na identificação e compreensão dos diversos tipos de argumentos presentes nos enunciados. A análise sobre a polifonia com evocação de conteúdos permitiu evidenciar múltiplos pontos de vista, destacando as vozes distintas que contribuem para o diálogo. Através da polifonia de locutores, o locutor responsável pelo discurso (L1)

apresentou vozes e pontos de vista adicionais, de outros locutores, as quais foram utilizadas para dar profundidade às argumentações apresentadas por L1.

Quanto aos blocos semânticos, eles revelaram uma variedade de temas significativos presentes nos *tweets* analisados. Estes blocos não apenas expuseram os assuntos mais relevantes, mas também trouxeram à tona as principais polêmicas debatidas durante o processo eleitoral. Entre os temas identificados de maneira recorrente nos blocos semânticos, destacaram-se questões como: corrupção, desrespeito, controle da mídia e racismo, dentre outras, ou seja, as temáticas mais repercutidas nas mídias e redes sociais durante o período eleitoral, assim como ocorreu com as charges.

A análise dos fenômenos polifônicos, dos operadores argumentativos e dos blocos semânticos nos textos sobre a eleição presidencial de 2022 permitiu-nos, assim, identificar como as temáticas mais relevantes do período eleitoral foram tratados por parte da mídia e nas redes sociais, bem como se deu a construção argumentativa desses textos, tal como demonstrado na análise dos dois textos apresentados na seção anterior. Viabilizou ainda observar como a argumentação linguística se processa em tais textos, a partir dos fenômenos mapeados, além de demonstrar a forma como os estudos da TAL e da TBS podem contribuir para a descrição de enunciados de língua em uso.

Com isso, a partir dos resultados, a presente investigação confirma a sua relevância social e política, visto que esses gêneros pertencem ao domínio jornalístico brasileiro e têm forte impacto no processo eleitoral. A descrição dos fenômenos semântico-argumentativos presentes nesses gêneros lança um olhar ao modo como são veiculados os sentidos, os pontos de vista (muitas vezes polêmicos e antagônicos) e como se constrói a argumentatividade nos textos.

Especificamente, este estudo lança um olhar para o fenômeno da polifonia e para os blocos semânticos, já analisados em outros gêneros e textos, mas com um foco especial em sua ocorrência em dois importantes gêneros que, muitas vezes, contribuem para os resultados das eleições majoritárias. Os pontos de vista veiculados nesses textos não só revelam a maneira como se dá o embate político, mas constituem-se, por si só, como posicionamentos que podem interferir no processo eleitoral, na opinião pública, na escolha dos eleitores.

Além disso, destacamos a relevância desse trabalho para o campo da semântica argumentativa. Mesmo tendo sido um estudo com um número de análises moderado (foram mapeados os blocos semânticos em 30 postagens de *tweets* e em 40 charges, mas descritos aqui apenas 4 textos), permitiu-nos examinar como o suporte *Twitter/X* e o gênero charge são moldados pela presença de elementos argumentativos e enunciativos, contribuindo, assim, para a descrição semântico-argumentativa de ambos os gêneros. Salientamos, ainda, a importância de compreender como os locutores constroem suas mensagens e veiculam sentidos no contexto digital, através dos textos ora analisados.

Por fim, ressaltamos que esta pesquisa apresenta limitações, visto que só analisamos apenas a postagem dos gêneros (*tweet* e charge), ou seja, não foi possível também analisar as reações a esses textos, isto é, mapear os efeitos de sentido presentes nos comentários (respostas) aos textos que compõem os *corpora*. Porém, essa é uma análise suscetível de investigações futuras. Inclusive a mesma perspectiva teórica aqui adotada pode ser utilizada como base para investigações de natureza aplicada, que possam servir, por exemplo, como um subsídio para práticas pedagógicas e pesquisas voltadas ao processo de ensino-aprendizagem de leitura ou produção dos referidos gêneros.

Referências

ANSCOMBRE, Jean-Claude. **Auteur d'une définition linguistique des notions de voix collective et de on-locuteur.** In: Recherches Linguistique, n. 31, p. 29-64, 2010.

ANSCOMBRE, Jean-Claude. Verbes d'activité de parole, verbes de parole et verbes de dire: des catégories linguistiques? In: **Langue française**, n. 186, p. 103-122, 2015.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua.** Tradução: Julia Sevilha e Martha Tordesillas. Madrid: Editora Gredos, 1994.

ADELINO, Francisca Janete da Silva; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Teoria da Argumentação na Língua. Diálogo com Oswald Ducrot. In: HELENO, Edilane do Amaral... [et al.]. **A Pesquisa na Universidade Necessária.** 1ª Edição. João Pessoa: Editora UFPB, 2021 p. 100-111.

BASTOS, Ana Carolina Vieira; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A contribuição da teoria da argumentação na língua, de Oswald Ducrot e colaboradores, para os estudos da argumentação. In: PIRIS, E. L; GRÁCIO, R. L. (orgs.) **Introdução às Teorias da Argumentação.** 1ª ed. São Paulo: 2023. p. 269 - 304.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Tradução: Paulo Bezerra. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002 [1997].

CAREL, Marion. A enunciação linguística: funções textuais, modos enunciativos e argumentações enunciativas. In: BEHE, L; CAREL. M.; DENUC. C.; MACHADO. J. C. (orgs.). **Curso de Semântica argumentativa.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. P. 353 – 375.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos.** Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion. **L'Entrelacement argumentatif.** Lexique, discours et blocs sémantiques. Paris: Éditions Honoré Champion, 2011.

DELANOY. C. P. As relações entre aspectos argumentativos: os conceitos de conversão, reciprocidade e transposição. In: BEHE, L; CAREL. M.; DENUC. C.; MACHADO. J. C. (orgs.). **Curso de Semântica argumentativa.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 105- 114.

DUCROT, Oswald. **polifonía y Argumentación:** Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito:** revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

GOMES, L.; LEBLER, C. D. C. Os conceitos de aspecto (normativo e transgressivo) e de argumentação (interna e externa). In: BERRE, Louise; CAREL, Marion; DENUC, Corentin; MACHADO, Julio Cesar (org.). **Curso de semântica argumentativa.** 1. ed. São Paulo: Pedro e João Editores, 2021. p. 89-103.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 10ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: contexto, 1999.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Lingüística Textual**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **A polifonia nos gêneros acadêmicos e formulaicos**: a construção de sentidos a partir da evocação da palavra alheia. *In*: Letras de Hoje, Porto Alegre, V. 50, N. 3, p. 342 – 351. jul – set./2015.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A Teoria da Argumentação na Língua e a Polifonia Enunciativa: argumentando com a voz do outro. *In*: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. **Introdução à análise da argumentação**. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

ROMAN, Artur Roberto. O conceito de polifonia em Bakhtin - o trajeto polifônico de uma metáfora. *Letras*, Curitiba, n. 41-42, p. 207-220, 1992-1993, Editora da UFPR.